

EXPERIÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES DO “SER JOVEM” EM ROSÁRIO DAS ALMAS

*Vanda Silva**

RESUMO: Este estudo foi realizado com jovens de origem rural num município da região do Vale do Jequitinhonha - MG. Os sujeitos sociais centrais pertencem à faixa etária dos 14 a 19 anos de idade cuja experiência de vida se faz entre os contextos rural e urbano. Outros jovens pertencentes a uma faixa etária subseqüente também foram entrevistados. Os relatos de jovens e adultos sobre suas experiências com a sexualidade, a saúde reprodutiva e questões relacionadas à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis dizem respeito, portanto, aos valores coletivos e geracionais contrastando com valores individuais, e suas implicações no rearranjo das famílias rurais.

PALAVRAS-CHAVE: Experiências, Jovens rurais, Sexualidade, Família, Vale do Jequitinhonha – MG.

INTRODUÇÃO

Fruto de algumas análises desenvolvidas na tese de doutorado¹, neste texto falo de jovens do meio rural que foram tratados como centrais na investigação, e cuja preocupação mais ampla se relaciona com a construção das identidades dos jovens de origem rural num município

□ Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp/2005. Pós-Doutoranda (ICS-Universidade de Lisboa). Pesquisadora do CERES (Centro de Estudos Rurais – IFCH/Unicamp – E-mail: vandas7@yahoo.com.br

¹ Intitulada *Menina carregando menino...: Sexualidade e Família entre jovens de origem rural num município do Vale do Jequitinhonha - MG*, sob orientação das professoras *Dra. Emília P. de Godoi* e *Dra. Neusa M. M. de Gusmão*. Departamento de Antropologia do IFCH/Unicamp, fevereiro de 2005. Apoio Financeiro: FAPESP.

do Vale do Jequitinhonha – MG. A relação que os jovens têm com a sexualidade e a família é o foco das preocupações. Sendo assim, a sexualidade pensada como o campo de descobertas do corpo e que está marcada ou demarcada pelo contexto cultural, apontou para a necessidade de se analisar o processo de aprendizagem sociocultural ao qual estão sujeitos estes jovens do meio rural e quais as marcas do gênero que modelam as trajetórias de moças e rapazes no campo das representações e práticas sexuais. A gravidez precoce (desejada ou não) entre os jovens desse município impôs-se como um dos temas da pesquisa porque diz da vida amorosa e da sexualidade dos rapazes e moças, e foi observada com as seguintes inquietações: a) descobrir os significados que esta gravidez precoce tem para moças e rapazes no processo de passagem da juventude à vida adulta; b) se essa gravidez em idade precoce é percebida como um problema.

Nestes termos, os adultos foram privilegiados através da relação que os jovens têm com eles e vice-versa, no bojo do processo de socialização e interação social, privilegiando as experiências que dizem respeito à sexualidade devido ao tabu sobre o sexo, marcado por valores morais religiosos presentes nos grupos familiares. As narrativas dos jovens e adultos acerca da experiência com a sexualidade inscrevem-se cotidianamente através de outros sinais, símbolos e comportamentos. Estes, por sua vez, dizem das representações do "ser jovem" neste município de Rosário das Almas² e que procurarei demonstrar a seguir.

NO CONTEXTO DE ROSÁRIO

Na divisão geográfica, o município pertence ao Alto Jequitinhonha – Minas Gerais. Originou-se da migração de ex-escravos e aventureiros à captura do ouro anunciado nas águas do rio *Capivari*, nos idos de

² Nome fictício adotado para preservar a identidade dos sujeitos sociais que fizeram parte da pesquisa.

1728. Atualmente conta com 15.225 habitantes.³ Os moradores das comunidades rurais vivem da agricultura de abastecimento e das migrações para outras regiões, enquanto driblam os longos períodos da seca nesse ambiente de *chapada*: terras planas e elevadas com limitadas nascentes d’água (Galizoni, 2000).

No topo da hierarquia social do município encontram-se: A) no rural: os proprietários de grandes extensões de terras, os fazendeiros (alguns falidos); os “gatos” (agenciadores de mão-de-obra para outras regiões, também chamados de encarregados de turma). Estes homens, chefes de família(s), exercem domínio no rural, no entanto, são pessoas que possuem moradia e trânsito de influências nas sedes (seja do município, seja nos distritos). B) no urbano (sede): os comerciantes; os que ocupam cargos de confiança na prefeitura local ou nas extensões distritais; os que se constituem na *intelligentsia* local, professores, padre, pastores, artistas, médicos, dentistas (2) e enfermeiros (alguns também são membros da irmandade religiosa de Nossa Senhora do Rosário).

Na base da pirâmide encontram-se: A) os pequenos lavradores que conseguem plantar e colher algum produto agrícola para abastecimento doméstico e comercializar o que “sobra do gasto”. B) os pequenos

lavradores que mal conseguem plantar e têm que viver das migrações sazonais em terras produtivas ou trabalhos assalariados nas cidades. Cabe observar que as dificuldades com o plantio e colheita, muitas vezes, também estão relacionadas as questões do solo, principalmente devido à proximidade ou não de lençóis d’água; e que estes pequenos agricultores podem, também, ser moradores na sede do município ou dos distritos e continuar migrando para os trabalhos nas usinas de cana-de-açúcar ou fazendas de café. Enquanto estão morando nas comunidades rurais, também há casos de famílias cujos filhos, crianças e jovens, são beneficiários de um programa de assistência mantido por uma entidade filantrópica

³ Fonte: IBGE, *Cidades@*, Censo demográfico 2000.

cristã que atua através de uma associação local de assistência ao trabalhador rural e à criança.⁴

Portanto, dessa categorização social foi que construí o meu universo de análise, entrevistei jovens e fiz observações empíricas junto a estes nos seus trânsitos internos, na sede e algumas comunidades rurais. Daí resulta a diversidade dos principais sujeitos da pesquisa devido às diferentes categorias sócio-econômicas da qual descendem.

Rosário das Almas apresenta-se em transformação, cujas conseqüências mais visíveis podem ser resultantes da crescente influência da televisão, do rádio, da estrada, e das migrações. Assim sendo, para este caso estudado também pode dizer que se trata de um município “rurbano” (Carneiro, 1998; Veiga, 2003), principalmente porque seus moradores vêm descobrindo as possibilidades de se apropriarem de valores e bens de consumo, assim como vêm rompendo com as “limitações” geográficas (rural-urbano) e construindo moradias também nas sedes (seja do município ou dos distritos), enquanto estão cotidianamente em constantes ir e vir. Até porque é na sede que podem ter acesso mais fácil à água, eletricidade, correio, escola, saúde (Veiga, 2003).

Deste modo, o que está em questão também diz respeito ao como entender municípios rurais como este de Rosário das Almas que se mostra em toda sua dinâmica social. Entender como os moradores (os atores sociais) estão elaborando, re-elaborando o trânsito cada vez mais fácil dos bens de consumo, dos modos de vida de ambos os universos, o rural e o urbano, principalmente no que diz respeito às experiências e representações da sexualidade frente aos valores subjacentes. O que se vem percebendo é que, talvez, as sutilezas nas diferenciações entre os membros de famílias que são pertencentes às comunidades rurais e membros de famílias que pertencem ao urbano do município são muito mais regidas por questões ligadas a oportunidades e escolhas dos membros fami-

⁴ Sobre esta associação ver o trabalho da dissertação de mestrado, *Sertão de Jovens: Antropologia e Educação*, editado pela Cortez Editora, Coleção Questões da Nossa Época, 2004.

liares do que, propriamente, devido ao pertencimento a um ou outro universo.

Desta maneira, observando-os vê-se que aqueles que já eram moradores do núcleo urbano, embora trabalhando na terra (de herança ou de aquisição posterior) são reconhecidos como sendo da “cidade”. Já aqueles que nasceram, cresceram, constituíram família em comunidades rurais são identificados como sendo da *roça*. No entanto, ocorre a mobilidade e estes transitam por um universo e outro sem maiores constrangimentos visíveis. Tal mobilidade fica ainda mais fortalecida através das relações entre amigos, vizinhos, parentes que se visitam e se socorrem nas dificuldades; e compartilham as alegrias, mas também tecem suas intrigas e promovem disputas, além das visitas ao Centro médico, recebimentos de valores na prefeitura e compra de mercadorias industrializadas por aqueles que moram nas comunidades rurais.

No âmbito de uma análise mais circunscrita, pode-se dizer que os moradores de Rosário das Almas constroem representações sociais, que operam as distinções entre os que são da sede e os que são das comunidades; porém, tal classificação não é imobilizadora, não os aprisiona em suas moradas, assim como não há entraves para as trocas simbólicas e dos valores. Se nas sedes estão mais presentes os produtos industrializados, os jovens e demais moradores identificados com os comportamentos citadinos, estes também aguardam e consomem os produtos agrícolas, esperam pela circulação⁵ e a solidariedade dos moradores que têm moradia nas comunidades rurais.

Deste modo, ao mesmo tempo em que os residentes na sede estimam a presença dos moradores das comunidades rurais, os que são ou estão nas sedes podem ser parte de uma rede de parentesco e integrar a *parentela*, numa perspectiva das relações sociais. Tal troca simbólica pode ser percebida durante os preparativos para os festejos da santa padroeira, Nossa Senhora do Rosário, quando os que moram na sede recorrem às comunidades para angariarem as prendas para os leilões e conquistarem

⁵ As sedes ficam mais movimentadas e menos desertas com a circulação dos moradores das comunidades rurais que, além da presença física, também consomem e dão lucro ao pequeno comércio local.

a ajuda de homens e mulheres mais experientes nos preparativos para a festa; ou mesmo em outros festejos religiosos. Nessa “movimentação em dupla direção” realimenta-se a sociabilidade rural. Assim, “(...) observa-se que as categorias ‘rural’ e ‘urbano’ assumem significado como uma realidade simbólica, construída por representações sociais, e não como uma situação observada sobre o plano espacial. (...)” (Carneiro, 1998, pp.174-175).

SER E NÃO SER “DA CIDADE”

Assim, o palco mais privilegiado desse processo seria a sede (tanto do município quanto dos distritos), sobretudo quando se pensa nos jovens. Pois, são estes que mais enfaticamente investem em articular comportamentos tidos por tradicionais e modernos, quando freqüentam as danceterias instaladas nas sedes – em algumas circunstâncias por moradores vindos “de fora” ou jovens que estavam morando fora e retornaram – e participam dos festejos e cortejos religiosos de Nossa Senhora do Rosário ou outros momentos e práticas de religiosidade, por exemplo.

Não obstante, de um lado, se há tal articulação, por outro no convívio entre os próprios jovens observa-se que há os que buscam diferenciarse ou demarcar terreno atribuindo características classificatórias àquele ou àquela como sendo “do rural” (das comunidades rurais ou *roça*) e os que são “da cidade” (da sede do município ou dos distritos). Tais classificações partem de comentários que contribuem ou somam à construção de estigmas sociais. De alguns depoimentos de jovens moradores da sede sobre os jovens que são das comunidades rurais, ouvi o seguinte: são “ignorantes”, “fechados” ou “desconfiados”; enquanto que os jovens das comunidades rurais, principalmente, os que não freqüentam as sedes com assiduidade dizem que “não se pode confiar em gente de cidade, não”.

Daí vê-se que os filhos dos lavradores e camponeses com pouco convívio junto aos jovens que vivem nas sedes tendem a se mostrar mais reservados ou “desconfiados” quanto às amizades, por exemplo. Do outro lado, os jovens que querem ser vistos como modernos atribuem estigmas aos que não aderem a comportamentos e práticas de ousadia ou espontaneidade nas relações afetivo-amorosas ou mesmo de estética, como adereços e indumentárias que compõem a vestimenta que julgam estar na moda. Porém, tão logo os filhos de camponeses ousem e invisitam em incorporar hábitos e técnicas corporais, tal como as vistas nos comportamentos dos jovens da sede, abafam o estigma, atenuam os conflitos e a distinção de pertencimento a uma dada localidade chega a confundir o observador; mas, mais ainda, a diminuir as possibilidades de uma análise com base no espaço geográfico dicotomizado “rural” e “urbano”, sobretudo quando se deita o olhar para as questões da sexualidade, valores e saberes.

Se nas relações interpessoais revelam os seus conflitos e tensões, é pouco provável que o espaço geográfico seja o que delimita a cultura ou o grupo social, enquanto que a força da mobilidade dos moradores desse município faz surgir cotidianamente o redescobrimto da corporeidade. Tratar a corporeidade é colocar em evidência o corpo enquanto matéria humana que se mostra como uma certeza sensível e visível. Neste sentido, se faz imprescindível à compreensão de uma dada situação consideradas as *relações intersubjetivas* em que os sujeitos vão construindo e refazendo os valores num interminável processo de interação (Santos, M. 2002).

Portanto, através de uma perspectiva caleidoscópica, com vistas a traduzir o sistema de reprodução social no qual estão inseridos estes jovens, o pressuposto que norteia o campo de análise diz da necessidade de compreender a experiência dos jovens e as identidades que ela forja. A experiência, desse modo, é vista como um processo vivido na heterogeneidade dos jovens, posto que a categoria juventude como categoria totalizadora não dá conta, uma vez que estes refletem, em diferentes contextos socioculturais, a diversidade de sua experiência e mobilidade, tais como:

- a) os jovens que estão na sede do município ou dos distritos de Rosário das Almas diferenciam-se entre os que nasceram e foram criados dos que vieram das comunidades rurais e estão vivendo com suas famílias na sede;
- b) os jovens que vêm das comunidades rurais e estão vivendo temporariamente nas sedes;
- c) os jovens que são das sedes e migram para outros centros urbanos e retornam;
- d) os jovens que migraram para cursar faculdade e retornam e se empregam;
- e) os jovens que migraram para cursar faculdade e retornam, mas não conseguem se empregar;
- f) os jovens das comunidades rurais que migram para outros campos (os da agroindústria) ou centros urbanos e retornam.

Neste sentido, em suas trajetórias de vida, estes jovens do município de Rosário das Almas podem ser agrupados em diferentes grupos e subgrupos, distintos da seguinte forma conforme sua vinculação ou desvinculação escolar (Silva, V. A., 2002, p.113):

A) Estudantes;

A1) estudantes (sustentados pela família ou fazendo parte do programa de apadrinhamento ligado à Associação de Assistência ao Trabalhador Rural e à Infância)⁶ *com* ou *sem* experiência da maternidade e paternidade.

B) Não-estudantes;

B1) não-estudantes-trabalhadores (migrantes sazonais ou não) *com* ou *sem* experiência da maternidade e paternidade, casados ou não.

C) Estudantes temporários (ou sazonais);

⁶ Cf. Silva, V., 2004.

- C1) estudantes-temporários-migrantes (para os cortes da cana-de-açúcar ou colheita do café) *com* ou *sem* experiência da maternidade e paternidade, casados ou não.
- D) Estudantes Formados;
- D1) formados empregados, *com* ou *sem* experiência da maternidade e paternidade.
- D2) formados e desempregados, *com* ou *sem* experiência da maternidade e paternidade.

Por isso, não trato da “juventude” – como se estivesse tratando de um todo homogêneo – mas sim, dos jovens de Rosário das Almas, jovens de origem rural, ancorada no reconhecimento individual desses sujeitos de que são ou não jovens. Quando se reconhecem como jovens e se iniciam na experiência da sexualidade, caminham para a transição para a vida adulta ou se precipitam na vida adulta. Assim como quando trato da contextualização da origem espacial dos sujeitos sociais, o “rural”, diz das comunidades rurais identificadas ao universo camponês; o “urbano” diz das sedes do município e distritos, ressaltando que elas são utilizadas pelos próprios moradores como “categoria operacional” para dizerem do mundo que está à sua volta.

Não obstante, seja em quais forem os espaços, a experiência da sexualidade mostrou-se central na construção identitária dos jovens, sobretudo quando em suas diferenças se descobrem com suas articulações nos “modos de ser, de sentir e de representar-se”. Daí que experiências com a gravidez, precoce ou não, e o questionamento da valorização da virgindade assumem outros enredos. Alguns dados de fecundidade⁷ demonstram os seguintes números em Rosário das Almas:

Quadro1: Fecundidade por situação de domicílio rural e urbano

Filhos tidos das mulheres de 10	Situação de domi-	Situação de do-
---------------------------------	-------------------	-----------------

⁷ IBGE – Censo Demográfico, 2000 (*Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA*). Tabela 1981 – Filhos tidos das mulheres de 10 anos ou mais de idade por situação do domicílio, tipo de nascimento e grupos de idade das mulheres.

anos ou mais de idade (Ano = 2000)	cílio/ Rural	micílio/Urbana
Grupos de idade = 10 a 14 anos	0	06
Grupos de idade = 15 a 17 anos	17	17
Grupos de idade = 15 a 19 anos	69	37

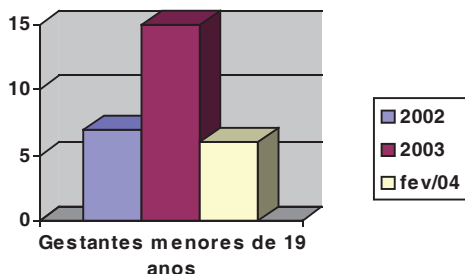
Na Secretaria de Saúde do município⁸ foi possível obter alguns números sobre a gestação entre moças menores de 19 anos que se apresentavam para os exames de pré-natal. Porém, saliento que apesar destes se mostrarem ascendentes, deve ser levado em consideração que tais informações não estão completas, uma vez que, nessa documentação, não constava se a gravidez foi levada adiante; a informação sobre os registros de abortos provocados, sendo que somente os abortos espontâneos foram registrados nos documentos das agentes de saúde⁹, assim como não foi possível saber se as gestantes eram solteiras, casadas ou *amasiadas*. Deste modo, os números de gestantes menores de 19 anos registrados no período de 2002 a fevereiro de 2004, foram: em 2002 = 07; 2003 = 15 e já fevereiro/2004 = 06. No gráfico, observar-se que mesmo não obtendo informações referentes aos meses restantes de 2004¹⁰, na comparação dos dados do ano de 2002 com os de apenas os 02 (dois) meses iniciais do ano de 2004, este último quase se iguala, em proporção, ao total de gestantes menores de 19 anos de idade no ano de 2002.

Quadro 2: Gestantes menores de 19 anos de idade

⁸ Sublinho que tal sistematização dos documentos – Formulário DATASUS – feita pela prefeitura local data dos dois últimos meses do ano de 2001 quando começam a implantar o PSF (Programa de Saúde Familiar) do Ministério da Saúde, Governo Federal, no município.

⁹ Importante salientar que tais anotações eram feitas a lápis, num canto da folha das anotações, quase como que se tal informação devesse ficar apenas à observação da agente de saúde, pois no documento oficial tais dados não constavam.

¹⁰ Uma vez que o mês de fevereiro (2004) foi a minha última visita ao campo de pesquisa.



Donde se pressupõe uma ambigüidade entre o dito e o vivido, o “ideal” e o “acontecido”; assim como uma “vigilância”, por parte dos pais, não tão rígida. Ou seja, existe a expectativa de uma “conduta ideal” e um comportamento real flexível coexistindo neste município, sem que isto isente seus moradores do conflito – ao contrário (Galizoni, 2000). E, portanto, decorrente disso talvez a questão da gravidez em idade precoce seja apontada como um “problema”, sobretudo para aqueles que representam instituições, tais como a escola, a igreja ou mesmo o sistema médico-hospitalar, por não corresponder a um padrão ideal.

As expectativas dos pais podem ser frustradas quando os jovens não correspondem àquilo que eles ensinam. Outros valores sobre sexualidade estão sendo incorporados ao universo juvenil – através dos meios de comunicação de massa, especialmente a TV. Em outras palavras, muitos pais esperam ver seus filhos casados, trabalhando, tendo filhos. Porém, com as transformações experimentadas pela sociedade, não raramente os pais podem ser surpreendidos com a notícia de uma gravidez precoce. Sendo que no município, a gravidez precoce é um acontecimento na vida dos jovens, da moça e do rapaz, que pode levar ao casamento, mas prioritariamente na vida das moças uma gravidez lhes dá um novo *status* social, o de mãe. Conseqüentemente, este *status* é também a entrada na vida adulta para estas jovens. O que não poderá ser observado para o rapaz que vive a experiência de paternidade sem o casamento com a mesma liberdade de quem não tem nenhuma responsabilidade sobre outrem.

A gravidez, caso ocorra antes do casamento, suscita reações variadas nas famílias: há as que apóiam e as que não apóiam o rapaz e/ou a moça. Com o apoio familiar há a reafirmação dos valores de solidariedade familiar, reforçando a idéia de família extensa (Fonseca, 1993). O casamento, por conseguinte, é “um” dos marcos de passagem para a vida adulta, somando-se a um marco de um conjunto mais correspondente para o rapaz que, para ser reconhecido como adulto, deverá conjugá-lo com a paternidade e o trabalho. Assim, para o coletivo, o nascimento de uma criança de pais solteiros tem igual valor como a passagem para o *status* de adulto, no caso das moças, sendo que tal aceitação e correspondência a esse *status* será mais ou menos visível conforme a descendência familiar, o grau de escolarização e origem espacial da moça. Ou seja, se da área urbana ou rural.

O que se observa é a predominância espacial da população em área rural, bem como de valores atribuídos e associados a este universo que são mantidos e realimentados pela família, tais como a reciprocidade e a expressão religiosa marcada pelo “catolicismo popular” – aquele que mescla a tradição da Igreja católica com outros cultos. Todavia, tal como nas palavras de Maria José Carneiro: “(...) dessa relação ambígua com os dois mundos resultaria a elaboração de um novo sistema cultural e de novas identidades sociais” (1998, p. 109). Assim, a família em Rosário das Almas participa dessa “relação ambígua com os dois mundos”, ao mesmo tempo em que “possui um duplo significado”, pois pode se “apresentar como conjugal do ponto de vista econômico, porém se define como a parentela” se vista pela perspectiva das relações sociais (Queiroz, M. I. P. de *apud* Galizoni, F., 2000, pp. 47-48).

OS JOVENS E A(S) FAMÍLIA(S)

Os jovens do meio rural estão, íntima e diretamente, ligados à sua família. Não são poucos os jovens de Rosário, no Vale do Jequitinhonha, que deixam suas casas para trabalhar em outras terras. Na maior parte

das vezes, os filhos são os primeiros a iniciarem-se no processo de migração, seja para ganhar a própria vida, seja para ajudar no sustento da família de origem. Há, porém, outras duas causas que podem ser somadas a essa demanda: a primeira é o pouco interesse para com os estudos (em alguns casos não se deve interpretar como pouca capacidade ou aptidão para a aprendizagem formal, ao contrário); a segunda, está diretamente co-relacionada com a primeira, pois diz respeito à pouca cobrança ou exigência que se faz aos rapazes com relação aos estudos, seja socialmente, seja através da família (Silva, V., 2004). O abandono ou a não conclusão dos estudos (muito antes que as moças) acaba por ser visto como um dos traços de masculinidade.

Estrategicamente, a distância e os longos tempos fora de casa¹¹ são vividos como uma forma de continuarem pertencendo ou vivendo em suas terras, pois como observa Margarida Maria Moura “quem é parente, ativa, à distância, essa condição” (1986:28). Neste processo, a presença feminina é de suma importância, pois a mulher muito tardiamente inicia-se na migração, principalmente a rural – rural (Silva, M. A. M., 1988; V. A. da S. 2000). Em dias atuais, observa-se que as mulheres migram, algumas com seus maridos e deixando os filhos, se ainda são pequenos, sob os cuidados de uma tia, uma parenta próxima ou uma comadre, por exemplo. Ou, para o caso de serem mulheres separadas, viúvas ou “viúvas de marido vivo”,¹² são elas também migrantes e levam consigo seus filhos. Observei que tal tipo de migração feminina predomina para as fazendas de café.¹³

¹¹ Em média, os trabalhadores migrantes ficam fora por um período de seis a nove meses, conforme a safra.

¹² Tal expressão é empregada na região para denominar a mulher cujo marido está vivo, mas que é migrante e está fora por muito tempo, ou que abandonou a ela e aos filhos. Ver também Silva, M. A. M. “Quando as andorinhas são forçadas a voar”. *XIII Encontro Anual da ANPOCS*, de 23 a 27 de outubro de 1989, Caxambu (MG), p. 27. (mimeo).

¹³ A pesquisadora Maria Aparecida de Moraes Silva escreve que: “(...) nesta atividade, elas podem contar com a ajuda dos filhos menores, assim como podem levar os bebês de colo e deixá-los aos pés de café. Esta atividade oferece mais facilidades àquelas que estão amamentando os filhos. As mulheres com filhos menores, lactantes ou não, que se dirigem ao corte da cana, não podem levá-los ao trabalho (...)”. “Quando as andorinhas são forçadas a voar”. *XIII Encontro Anual da ANPOCS*, de 23 a 27 de outubro de 1989, Caxambu, MG. p. 27. (mimeo).

O dinheiro ganho pelos homens, mulheres e pelos jovens destina-se, na maior parte das vezes, à ajuda nas despesas da família. Os dados indicam que a família, seja qual for sua composição, conjugal ou extensa, mantêm-se unida, pois os laços que unem pais e filhos e outros parentes se fortalecem justamente no que poderia debilitá-los. Deste modo, a família é vista “como um valor, o valor-família, permanente no tempo” (Woortmann, 1990). Porém, mesmo em se tratando de um município rural, vê-se particularidades no interior das famílias, jovens que ora se rebelam frente a imposições do grupo social ou que ora tendem a corroborar o que este espera deles. Devo enfatizar a importância da casa de cada família como a representação de um espaço quase sacralizado no qual apenas seus moradores – ou, melhor, os pais – são os verdadeiros guardiões e podem ditar suas próprias regras.

Neste sentido, quando explodem os conflitos estes podem ter origem não entre o ideal e a realidade, mas sim entre idéias diferentes, entre o ontem e o hoje, entre aquele que conta com a autoridade da tradição e aquele que está apenas em vias de formação. Pais e filhos se confrontam quando os primeiros exigem um determinado comportamento, correspondente ao quando o filho ou filha não tinha ou pretendia ter independência. Tal exigência por parte dos pais diz respeito à relação que os jovens devem ter com o dinheiro ganho. Ou seja, na opinião de alguns pais, o dinheiro que o (a) filho (a) ganhou deve ser incorporado à família e ser administrado pelos pais. Por sua vez, é possível inferir que tal mentalidade encontra eco na herança de um modelo de família patriarcal brasileira na qual os filhos, dentro da estrutura do casamento, somam para a “manutenção de uma propriedade” (Corrêa, 1994). Um modelo que deve continuar sendo questionado, posto que quando se pensa sobre a família brasileira é importante considerar enquanto uma questão conceitual a “pluralidade de organização e a própria representati-

vidade do casamento” que o termo ‘família’ comporta (Sâmara, 1997 *apud* Fonseca, 1997).¹⁴

Nos dias atuais, em Rosário das Almas observa-se que a partir dessa tentativa de conquistar e preservar uma certa autonomia é que se formam os conflitos entre pais e filhos de origem rural, sobretudo quando estes (os filhos) passam a assimilar as representações simbólicas de ser jovem com direitos a ter seus espaços, seu ponto de vista particular, e questionam o “coletivismo familiar”, o trabalhar para “nós”, quando posso trabalhar para “mim” (Woortmann, K., 1990). Vale ressaltar que tais modelos de comportamentos são os dos centros urbanos que chegam às famílias rurais, principalmente através da televisão. Além do fato de que muitos jovens desse município do sertão mineiro estão em trânsito, no contexto do próprio município, pois dividem o espaço que se considera urbano (a sede) dos que são as comunidades rurais; ou através das migrações sazonais para trabalhar nos cortes de cana-de-açúcar ou colheita do café (migração rural – rural); ou, ainda nos deslocamentos para estudar, estudar e trabalhar ou pelo simples prazer de se aventurar em terras estranhas. Desse modo, esse movimento no campo das representações dos próprios moradores também pode ser interno: rural – urbano (os jovens das comunidades rurais para a sede), ou urbano – rural (jovens que vão trabalhar ou viver nas comunidades) ou urbano – urbano (jovens da sede que vão para outras cidades).

No que diz respeito à composição da família conjugal deste município, esta tem se mostrado com características que vão variando no tempo, no geral com um número de quatro filhos por casal. Há a predominância das mulheres “chefiando” os lares, sobretudo porque os mari-

¹⁴ “(...) Terá, portanto, o pesquisador que se defrontar com esses problemas, bem como com a questão da bastardia, dos concubinatos e das uniões esporádicas, que revelam imagens bem mais realistas do comportamento e do modo de vida da população do passado. A oposição de imagens é evidente – de um lado o casamento, a moral e própria submissão e a castidade da mulher; do outro, o alto índice de ilegitimidade, a falta de casamentos e a insatisfação feminina revelada nos testamentos e nos processos de divórcio. Obcecados pelo ideal de recato, moral e pureza, historiadores e romancistas exageraram nesse quadro, estabelecendo estereótipos que se enraizaram até o presente”. “Ser Mulher, Mãe e Pobre”. DEL PRIORI, M. (Org.); BASSANEZI, C. (Coord. De textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 512-513.

dos são obrigados a se ausentarem por longos períodos, nos trabalhos da migração sazonal ou mesmo nos casos de abandono das mulheres e dos filhos, confirmam a predominância feminina. Deste modo, de uma boa parte dos jovens entrevistados, os relatos acerca da figura paterna me foram transmitidos indiretamente através dos próprios filhos ou pelas esposas. Mas, é importante sublinhar que mesmo que a família conjugal neste município de Rosário das Almas tenha um perfil dinâmico e não-linear, devido aos casos de abandono, separação, viuvez, disso resulta o fortalecimento do papel da mãe como aglutinadora da família. Vê-se que em muitos casos de viuvez ou mesmo de abandono, a mulher não se casa novamente. A esta costumam denominar de “viúva de marido vivo”. Viúvas por causa de morte, abandono ou por longo período distante do marido, estas mulheres, na maioria dos casos, criam toda a prole e permanecem em suas casas sem recorrer à casa de parentes.

No sentido de inchamento familiar, há casos de jovens, rapazes e moças que “engravidam” antes do casamento, por exemplo, implicando que os pais da moça ou do rapaz acabarão por incorporar a criança à família (isto no caso de não irem morar juntos), pois a coabitação (ou *amigamento*) é uma forma predominante de união, principalmente nas comunidades rurais, com perspectivas de virem a se legalizar. Fatores como pouca idade, desemprego ou mesmo desqualificação profissional fazem com que os jovens de origem rural, quando têm filhos fora do casamento, aumentem a família de origem, dando-lhe outro formato. Também há casos em que, a moça, não se casando, deixa o filho sob os cuidados dos pais (avós) e vai procurar trabalho, muitas vezes subempregos nas cidades de médio-grande porte para ajudarem “em casa”. Mas, todas essas hipóteses não anulam o fato de que, para muitos jovens, sobretudo para as moças, uma gravidez represente uma estratégia pré-matrimonial ou de “aliança” (Pina Cabral, 1996; Leal e Fachel, 1999); mas, especialmente, seja a realização do desejo da maternidade e de outra forma de inserção social.

Em Rosário das Almas, a família exerce grande influência sobre os jovens, inclusive em seus comportamentos diante de fatos do cotidiano, pois para estes, a mesma tem grande significado (Silva, V. A., 2000). Por isto, também partilho da idéia de *campesinidade* como a mais interessante, em termos de aproximação, para se pensar sobre os jovens de origem rural deste município. Neste sentido, a discussão sobre o rural, sobretudo a que vê seus agentes voltados à “pequena produção”, a “família como produtora de bens” e não como valor (Woortmann, 1990), configura-se numa poderosa armadilha para que a presença efetiva dos jovens (rapazes e moças) do universo rural seja anulada, ou ainda com que estes apareçam apenas como “aprendizes de agricultor” (Carneiro, 1998). O fato de ser filho de “pequeno produtor” rural faz de um jovem camponês? E se o jovem de origem rural não quer ser herdeiro, casar-se e continuar na terra?

A família constrói e transmite aos jovens “a história da terra” porque esta é a história da família e daqueles que vivem nas comunidades rurais e trabalham na terra. Assim, se tece junto aos que ficaram na terra as lembranças das saídas de alguns de seus membros, enquanto se reafirma a lembrança do trabalho realizado no passado. Tal argumento constrói o direito daquele que trabalhou na terra para que, em momento oportuno ou necessário, se saiba quem herdará a terra. Por isso não há tanta rigidez quanto aos processos de herança, uma vez que esta acontece no transcorrer da vida e dos movimentos dos membros da família. Deste modo, a instabilidade da vida familiar que leva às migrações, mais as alianças através do casamento, são fatores que estão intimamente ligados e que afetam este processo de herança da terra (Galizoni, 2000).

O que não quer dizer que o fato de alguns jovens não quererem “herdar a terra”, tampouco trabalhar na mesma, represente ou signifique que a “ética do trabalho” (Pais, 1998) esteja descartada para os jovens de origem rural; ou que o rapaz que migrou, tendo vivido um bom tempo fora e, já adulto e até casado, querendo voltar a terra, não encontre acolhida, ao contrário¹⁵. Ocorre que, muito provavelmente, a “ética do tra-

¹⁵ A pesquisadora Flávia Galizoni que também esteve pesquisando no município de Rosário das Almas sobre as questões de trabalho, família e ambiente registrou o seguinte sobre a reen-

balho” esteja ganhando outro significado diante do que é desejado, das escolhas ou mesmo frente às dificuldades de sobrevivência. Todavia, se na ordem dos fatores referentes à vida material e manutenção da família, os jovens vêem-se em encruzilhadas; também na vida afetivo-amorosa estas se traduzem através das muitas representações que brotam do “estar” nesta conjugação “rurbana” de vida.

Por isso, ao me propor falar sobre jovens de origem rural estou pensando num “corpo constituído” e plural, cujos jovens se apresentam em seus diferentes “modos de ser”. Jovens que, talvez, estejam mais próximos de ideais individuais (modernos e urbanos), mas, também, outros que desejam permanecer na terra e ficam, ou que querem, mas a realidade os impulsiona para uma ação oposta: a de deixar a terra migrando para outro centro urbano ou mesmo indo para a sede do próprio município; ou estabelecendo uma relação com a *roça* que é apenas de endereço. Enfim, são jovens que estão em processo de formação e, não obstante, assimilando e reelaborando os valores herdados. Neste caso e conforme já foi citado: “(...) o coletivismo interno começa a apresentar rachaduras que se expressam pela recusa dos filhos em aceitar o destino camponês” (Woortmann, K., 1990, p.54).

Simultaneamente, talvez seja possível afirmar que para muitos jovens desse município, antes (ou ao lado) da necessidade de ganhar dinheiro para colaborar com a família, migrar pode representar também o início de um outro processo: o de ganhar autonomia dentro do grupo familiar e fora dele, perante os pares, pois uma vez na migração sazonal, não se estranha se com uma certa idade (por volta dos 18-19 anos em diante) o rapaz esteja pretendendo *amigar*¹⁶ e, como no adágio popular “quem casa quer casa...”, também empreenda esforços na construção de

trada do herdeiro potencial: “... *seu retorno e tentativa de efetivar sua herança, não é pacífico; muito pelo contrário, é extremamente tensa, uma verdadeira queda de braço que mescla astúcia. (...)*” Citando um depoente do referido município este lhe diz o seguinte: “*Os herdeiros têm direito [à terra] mas quando chegam o povo põe num lapeiro [lugar cheio de pedra]. Assim não se pode negar o direito a terra a quem retorna, mas o herdeiro não tem direito a outras coisas como casa, gado e benfeitorias, adquiridos por meio do trabalho de quem ficou.*” (2000, pp. 68-69).

seu novo lar, ou queira juntar dinheiro para adquirir outros bens de consumo, tais como motocicleta, aparelho de som, tênis, a calça *jeans* com etiqueta de marca. Portanto, vê-se que o trânsito dos jovens além de resultar numa estratégia de sobrevivência, amplia a capacidade de consumo e intensifica o “processo de individuação no interior da família” (Carneiro, 1998).

Neste sentido, sob os valores ditos tradicionais há momentos em que os jovens buscam se afirmar como um “corpo constituído”. Ou seja, descartando ou acrescentando elementos que irão compor uma maneira individual de ser, ver e sentir. Como isto entra em “negociação” com os valores estabelecidos no seu universo de origem, é outro ponto importante. Na vida coletiva, um bom espaço de observação são os momentos de festa, principalmente o da Festa de Nossa Senhora do Rosário, ou os bailes (em danceterias no núcleo urbano).

ENREDO DE FESTAS: A FLUIDEZ NOS ESPAÇOS

A festa de Nossa Senhora Rosário é organizada pela Irmandade que recebe este mesmo nome. Esta é constituída, principalmente, por adultos, sendo que aos mais velhos é atribuída grande importância, pois são detentores da “tradição” e dos saberes que dizem respeito às práticas rituais. A presença dos jovens na Irmandade é pouco expressiva, muito embora esta observação seja oscilante, pois há anos em que dizem que está aumentando o número de participantes jovens. Todavia, quando estes são incentivados a participar, e uma vez participando, demonstram suas diferentes “maneiras de ser”, percebem que o “incentivo” consistia, na verdade, num teste: era o aprendizado dos jovens acerca dos valores e práticas “tradicionais” que estava sendo avaliado. A esse “teste”, respondem quase sempre com uma atitude ambígua: não rompem com a tradição, porém insistem em realizar as práticas tradicionais “de modo diferente”, o que dá origem a muitas tensões. Ou, no dizer de Fabre, se estabelece “uma relação paradoxal de solidariedade conflituosa”, pois, ao

¹⁶ Condição de quem passa a viver como marido e mulher sem oficializar a relação no civil ou religioso. Eventualmente empregam o termo “amasiar” como sinônimo desta condição.

mesmo tempo em que os adultos se oferecem para orientar os jovens, estes não param de resmungar ou de discordar do modo como os jovens realizavam suas tarefas (1996, p.57).

O que me leva a inferir que, se as experiências individuais não estão “soltas” nem acontecem sem a interferência das interações com outros indivíduos, tampouco sem as transmissões de normas pelas instituições, elas não são, porém, resultado única e exclusivamente destas instituições; são reflexos do convívio social e das múltiplas e incessantes leituras que os indivíduos fazem de si, das instituições e da sociedade como um todo. As experiências constituem os sujeitos e, portanto, contribuem para a formação identitária de cada indivíduo e em diferentes épocas, tempos e espaços.

Nos contextos das festas outros enredos são encaminhados. Enredos que dizem respeito às relações afetivo-amorosas. Assim, alguns jovens e adultos têm mais expectativas do que outros para a chegada das festas, pois esperam encontrar o par, esperam “ficar”¹⁷ com alguém. Por isso, após alguma festa sempre se encontra um conteúdo fecundo de histórias amorosas, ilusões, decepções, traições, mas sempre algo para se contar. Oportunidade da qual não me privei mantendo os ouvidos e olhos atentos; pois, ao que tudo indica há a preocupação de alguns pais, uma vez que na festa os atrativos e tentações são maiores, enquanto que para os jovens tudo pode começar a partir de um simples “ficar”. Tais histórias, muitas vezes, ganham domínio público através das fofocas sobre possível gravidez, de um par amoroso que se assume, um namoro que é desfeito ou que fica abalado. Estas servem para entreter, mas também para alertar os pais mais preocupados em evitar dores de cabeça, frente à constatação do desenvolvimento físico e biológico de seus filhos, mas não da segurança de seu amadurecimento emocional, da sua responsabilidade.

¹⁷ Expressão usada, principalmente pelos jovens, em contextos urbanos, e que indica um relacionamento amoroso de curta duração, em que se tocam, se beijam, se acariciam podendo ter relação sexual ou não (Silva, S., 2002).

Com efeito, as festas mobilizam os jovens, os adultos, mas principalmente aqueles que desejam encontrar futuros maridos e esposas ou, pelo menos, um namoro para compromisso. Estes são sonhos, mas enquanto eles não acontecem, os jovens querem circular e conhecer quantos puderem, principalmente se forem de fora, de outros distritos ou comunidades. Pois, se há um namoro com alguém que se foi e retornou, sabe-se da família da qual este ou esta descende e nisso há um pré-julgamento do jovem. Aos olhos dos pais isto é o mais desejável, principalmente se forem das comunidades rurais, mas é menos motivo de preocupação para os jovens que estão nos núcleos urbanos da sede ou dos distritos. Uma vez que namorar ou casar-se com alguém de fora pode ser motivo de prestígio, principalmente se acarretar ascensão social e representar modernidade (Motta, F., 2002; Pereira, J., 2002). Os jovens entrevistados de comunidades rurais não mencionaram sobre a exigência de se casar com moça da própria comunidade, mas sim com alguém de quem se goste, pois preferem “ouvir o coração”.

Há, ainda, uma questão de fundo, que novamente remete para o tema da herança da terra e do trabalho, e que coloca o casamento como um eixo articulador da vida de quem é lavrador, seja no alto Jequitinhonha seja em Rosário das Almas, uma vez que ele, juntamente com o trabalho e uso da terra, constrói e concretiza a herança (Galizoni, 2000, p.71). Então, neste sentido, o casamento, para quem é das comunidades rurais, é um trabalho, uma vez que quem não tem terras poderá vir a tê-las através das núpcias ou, ainda, quem já possui alguma gleba vir a aumentá-la (*Ibidem*). É mais freqüente que as moças ao se casarem passem a viver na gleba do marido; porém, há casos em que o rapaz não tem terra. Se a noiva tem, o futuro marido deverá construir na terra da mesma e ir viver com ela.

Muitos outros jovens migram do rural a outro rural (o campo da agroindústria). Não obstante, vão em busca da autonomia financeira, uma vez que esta é também a confirmação social de que o rapaz é responsável e capaz de produzir sustento a uma casa, o que o torna um “bom” partido para assumir um casamento. Neste caso, quando isso ocorre na vida dos rapazes, fica mais fortemente marcada a passagem

para o mundo adulto. Quando ele assume um lar, se auto-representa como adulto, conjugando a combinação de trabalho, casamento e a paternidade. Essa tríade também se dá como passagem para a vida adulta das moças, porém ser mãe já é o equivalente de adulez mesmo sem o casamento ou conjugalidade. Perguntei à moça [16 anos] se ela se achava uma adulta, e ela não teve dúvidas: “Hum, Hum (riso) Por que a gente vai ser mãe, né. Aí, já é adulto”.

O que, por outro lado, é pouco associado, vivido ou cobrado dos rapazes, principalmente quando permanecem solteiros, mas tiveram a experiência de serem pais, tanto no rural como no urbano. Junto às moças que são do núcleo urbano, a experiência de ser mãe solteira também lhes confere o *status* de adulta; porém, o modo como elas vivem tal experiência difere das moças de origem rural. Uma vez que entre as moças das comunidades rurais observa-se um certo decoro e recato, principalmente se não têm marido, junto às moças do núcleo urbano, a gravidez fora do casamento não as retira da vida de sociabilidades, tal como os demais jovens solteiros, assim como das “paqueras”, dos “ficar”. Este comportamento, porém, não é isento dos comentários e das tensões.

Identifica-se também que, para as moças que são das comunidades rurais e vêm morar (temporária ou permanente) no núcleo urbano, os sentimentos de ansiedade para a iniciação sexual (e perda da virgindade) são vividas sob maiores pressões, sobretudo quando estas moças passam a ter amigas influentes com as moças que são do núcleo urbano; bem como quando se relacionam com os rapazes deste mesmo núcleo. Os depoimentos de algumas moças nascidas e criadas em comunidades rurais demonstram que elas procuram ter segurança e confiança no rapaz com o qual irão ter sua iniciação sexual, ainda mais porque há, quase sempre, uma certa desconfiança das moças dessas comunidades com relação aos rapazes que estão na sede. Julgam que eles só querem se aproveitar das moças e não querem compromissos. Enquanto que em relação às moças das sedes o comportamento é mais ofensivo junto aos

rapazes. O que não significa que elas deixaram de querer compromisso sério, uma vez que sonham em encontrar seu par; porém, enquanto isso não acontece, as moças também querem “ficar”, paquerar sem serem discriminadas. É quando começam as tensões.

Como já foi demonstrado, junto às moças que são do núcleo urbano (nascidas e criadas) percebe-se que a “vigilância moral” é vivida com uma relativa dose de transgressão, pois, uma vez incorporado os valores atribuídos ao universo citadino, veiculado pelos meios de comunicação (principalmente através da televisão), estas vivem mais livremente as experiências de sexualidade. Por outro lado, elas sofrem muito mais os efeitos das fofocas entre os moradores, a rede de parentela, sobretudo quando são mais ousadas e transgridem as representações do “bom” comportamento feminino, sendo o recato a principal delas. Nesse confronto, nos relatos das experiências de algumas depoentes verificou-se o choque com os valores citadinos e as representações de casamento presentes no município, implicando numa demarcação temporal dos jovens quanto ao tempo para casarem-se. Mas qual a idade “ideal” para o casamento? Há depoimentos que indicam que a idade considerada “boa” para uma moça casar-se está relacionada à vontade e inclinação masculina. O que os depoimentos revelam é que quando os moradores, os pais, são chamados a opinar ou aconselhar sobre o assunto, fazem tomando por base sua própria trajetória até a conjugalidade para dizerem da idade. Quando o depoente é a mulher, a opinião segue a escolha masculina. Desta maneira, não há um consenso, mas é possível perceber que, conforme as condições sócio-econômicas das famílias, se lavradores e moradores das comunidades rurais, a idade para uma união é bem menor para a moça (antes dos 20 anos) em relação ao rapaz que entra na conjugalidade um pouco mais velho (a partir dos 19 ou 20 anos).

Mas não são todas as moças de Rosário das Almas que buscam ter novas expectativas de vida através do casamento, mesmo que tenham que ir ao sentido contrário do que é mais constante ou linear nas trajetórias femininas. A experiência de uma depoente [27 anos, solteira, professora com formação universitária, moradora nascida no núcleo urbano] é um exemplo importante, porque diz dos casos que corroboram a diversi-

dade juvenil de Rosário das Almas e de alguém que se reconhece como jovem.¹⁸ Enquanto que para os demais moradores, incluindo outros jovens, a moça já estaria passando da idade do casamento e da maternidade. Esta trajetória individual soma-se à de outros jovens que saíram do município, temporariamente, para fazer faculdade¹⁹. Se, para alguns, sair para viver em outros centros não é tão fácil, retornar também não. Este é o conteúdo do depoimento da professora formada que dá aulas na escola estadual, na sede do município. Esta moça [27 anos] queixa-se das pressões que sofre por parte da família, da rede de amizades e até de seus próprios alunos, devido ao fato de “ainda” não ter se casado e tampouco arrumado um bebê. Ela, por sua vez, diz que sua visão de mundo se alargou e está muito complicada a volta à casa dos pais.

Em outras palavras, o fato dela não ter um bebê, um marido ou ambos, a deixa numa condição de “dependente” moral da família, uma vez que está entendido que há um tempo para se casar e/ou ter um filho. Deste modo, esta moça e outras que não se casaram não assumiram o *status* de mulher e adulta, são ainda jovens imaturas (Héritier, 1996). Por outro lado, quando o jovem viveu um tempo fora e retorna ao município, isso também lhe confere mais um elemento de diferenciação ou transgressão, principalmente às moças, posto que se instaura uma descontinuidade que marca a relação entre o (a) retornado (a) e o grupo. Neste sentido, pode-se entender que a moça citada, por exemplo, é alguém que inovou, pois deixou o seu grupo por um determinado tempo, mas por ter vivido em outro espaço, não compartilhou as experiências de tempo e espaço de origem. E, ao retornar, sofre com as tensões ou o choque do estranhamento.

O relato da depoente descortina uma mentalidade que perdura entre alguns moradores, sobretudo a população masculina e moradora

¹⁸ Na sua opinião isso está ancorado no fato de que ela se julga uma pessoa com pensamentos mais “avançados” em contraste com a mentalidade das pessoas do lugar que é, no seu dizer, “antiquada”.

¹⁹ Quando saem para cursar o ensino superior, as cidades escolhidas, quase sempre, são: Teófilo Otoni, Diamantina, Belo Horizonte e Minas Novas. Todas dentro do estado mineiro.

das comunidades rurais, sobre as moças que saem do município e vão viver em centros urbanos, como São Paulo e outros. Pois, ao que tudo indica, elas ameaçam o domínio masculino que prega a submissão da mulher ao homem, enquanto que no imaginário, vê-se a oposição ao de fora (outro município, centro urbano) como o moderno, portanto, cheio de apelos que desvirtuam a cabeça das mulheres do lugar (por acaso não desvirtuam a cabeça dos homens?). Dito em outras palavras, para alguns homens, as mulheres que vão para São Paulo quando voltam estão diferentes (Bison, 1995).

Portanto, as moças que saem e retornam ao município, dependendo do seu comportamento e das circunstâncias de vida da família seja na sede ou nas comunidades, poderão sofrer alguns estranhamentos ou até mesmo estigmas; o contexto da migração, da sua trajetória da saída, dará os elementos (aos que ficam) para que a moça ou rapaz seja visto como alguém que voltou “mudado”. Enfatizo que isto também poderá acontecer com relação às moças das comunidades rurais que vão morar (temporariamente) na sede do próprio município; mas o peso das comparações é menor, principalmente quando o estar na sede é apenas por uma contingência e a intenção da moça ou do rapaz é de retornar à casa da *roça*. Também encontrei moças (de comunidade rural) que migraram, mas mantiveram a intenção de se casar com alguém do município e retornaram. Para os moradores, estas não abandonaram o “jeito do lugar”.

AO SOM DA RÁDIO CURUTUBA

Alguns outros jovens dedicam-se ao aprendizado em locução na rádio “pirata” do município, localizada na sede, como no caso de um dos depoentes, um rapaz [16 anos, do núcleo urbano, estudante] durante o seu programa de rádio:

- Destaques da Curutuba.
- Qual o horário?

- Das sete as nove é só sertaneja, depois até meio-dia é mistura de ritmos.
- E como é que é isso?
- É qualquer ritmo de música, pode passar sertanejo, balanço, rock, qualquer música...
- E o quê que você prefere?
- (com sorriso) Ah, eu prefiro rock.

Em Rosário, o gosto pela música não é uma característica predominante somente entre os jovens, mas entre os demais moradores de um modo geral. Assim sendo, como diferentes sujeitos podem fazer uso dos diversos signos musicais e construírem de formas variadas o seu universo de significação, quando pergunto sobre seus gostos musicais as respostas demonstram atitudes específicas, pois dizem das emoções de cada pessoa. Como no caso exemplificado do gosto musical pelo rock que se correlaciona diretamente como uma demarcação preferencialmente juvenil e urbana, pois remete a um “pólo gregário de sociabilidades juvenis”, convidando os jovens à participação conjunta e envolvente e ao mesmo tempo dançante. Segundo José Machado Pais, “(...) a estrutura dos textos musicais, geralmente subordinados a formas de quadra e de refrão, bem como a utilização de freqüentes onomatopéias, incitam o auditório à participação, levam-no ao esquecimento momentâneo das normas e obrigações mais constrangedoras, gerando um espaço de ambivalência onde se joga um certo tipo de ascendência sobre a realidade e onde se vive a simbologia de um ritual que, de certa forma, corresponde ao apaziguamento ou à evasão do cotidiano” (1996, p.105).

A importância da Rádio para a cidade também tem ênfase nos aspectos sentimentais:

- Eu acho que isso aqui ajuda muito no desenvolvimento da cidade. Aqui, tipo assim, é onde o jovem expressa mais o seu sentimento através da música, através de tudo. Tipo assim, se você está meio caído você ouve uma música romântica; se você

está alegre você ouve aquele rock pesado, mesmo! Isso faz parte da vida da gente. Acho que a música ajuda muito. Desde pequeno eu gosto de música, então, isso aqui pra mim é minha paixão! Se eu pudesse, eu ficava aqui o dia todo, mas não tem jeito, não [16 anos, estudante, locutor voluntário, morador do núcleo urbano].

Com isso, ao relacionar diferentes tipos de música a determinados estados emocionais, os jovens transportam-se de níveis da realidade aos níveis da fantasia. A rádio Comunitária veicula informações de utilidade pública, como recados aos moradores das comunidades rurais, informações que são de caráter de saúde pública, em formato de comunicados para vacinação ou comparecimentos ao Centro Médico; às vezes, recebe algumas cartas de amor que são deixadas – de maneira anônima, pois não se identifica quem as deixou e, muitas vezes, estão sem assinatura – para serem lidas por um determinado locutor e em determinado horário, no programa preferido por quem a deixou e, talvez, de alguém para quem a carta é destinada. Além, claro, de receberem mensagens das fãs com dedicação de música ao seu locutor preferido e para todos os ouvintes. Os locutores desta rádio, na maioria, são jovens, há moças e rapazes, alguns vêm de comunidades rurais e estão vivendo no núcleo urbano (temporariamente) para estudar. Aprendem através da prática, vendo e ouvindo um outro locutor que é também aprendiz, pois não há profissionais trabalhando, mas com um pouco mais de experiência; aventuraram-se e descobrem o talento para a locução. Descobrem o potencial da voz, gesticulam e articulam as palavras para melhor serem compreendidos por seus ouvintes. Assim, os jovens locutores expressam-se e emprestam sua voz à exposição dos afetos guardados em segredo, reprimidos no anonimato de quem o declara, assim como a quem é destinado tal sentimento amoroso-passional, enquanto aprendem e também se divertem.

EM BUSCA DA AUTONOMIA

Os jovens, rapazes e moças, que vêm das comunidades rurais e residem, mesmo que temporariamente, na sede para continuarem os estudos, podendo vir a combinar atividades de estudo e trabalho (remunerado), em algumas vezes têm uma casa que é da família para viverem na sede. E também acabam tendo que arrumar algum trabalho na casa de família como empregada doméstica, no caso de algumas moças, enquanto que os rapazes acabam indo trabalhar como entregadores nas casas de comércio. Nessa condição os jovens vivem experiências de serem subordinados, mas, sobretudo de serem explorados em sua capacidade de trabalho, pois, sob os domínios da extensão doméstica e familiar, reproduz-se a lógica de reciprocidade que é transposta às relações empregatícias; porém, com o agravante de que o empregador age como se estivesse fazendo algum tipo de “favor” por “ensinar” os jovens das comunidades rurais; ou, por lhes ensinar algum outro modo de trabalho que julgam ser melhor. Logo, repõe a lógica de que o trabalho do jovem é uma espécie de “ajuda” (Garcia Jr., 1983).

Esta saída da casa dos pais para continuarem os estudos pode ser exemplar e responsável por uma das primeiras práticas rituais dos jovens que se soma à trajetória sexual, posto que os jovens passam ao convívio mais intenso com outros jovens e nestas trocas dão os passos rumo ao processo de iniciação sexual e do desempenho sexual, posteriormente. Outro fluxo de saída da casa dos pais se dá através da entrada no processo da migração sazonal. Porém, esta saída para o processo da migração sazonal (rumo aos campos da agroindústria), para além do aspecto de trabalho assalariado e complementação da renda familiar, enquanto possibilidade de realização de prazer e diversões, mostra-se reduzido, mas não diminuto quanto à possibilidade do rapaz ou da moça vir a encontrar alguém por quem se apaixonar. Se for possível uma generalização entre estes jovens, a entrada na vida sexual pode se dar de duas maneiras: a) diretamente através do *amigamento* (mais recorrente) ou da união legalizada. Neste caso, ainda pode ocorrer de ser a moça inexperiente nos assuntos do sexo; b) um pouco mais demorada e exploratória, mas com

vistas ao compromisso da união consensual ou legalizada. Compromisso este que poderá ser mais demorado entre os jovens que são migrantes das sedes para outros centros ou mesmo para as fazendas da agroindústria.

Todavia, a saída “provisória” da casa dos pais com vistas à realização da combinação de estudo e trabalho, ou somente do trabalho, também obedecem a singularidades das histórias dos sujeitos e que, por sua vez, estão intimamente ligadas à família de origem. Assim, observei que nos fluxos migratórios internos (das comunidades rurais para a sede) as moças e os rapazes vivem experiências que correspondem a situações nem sempre satisfatórias devido às dificuldades com o espaço e o tempo próprio de adequação de cada um destes jovens, nas interações de amizade, “ficar”, paquerar, a transição para a sexualidade genital, o sexo, propriamente, acaso já não tenham iniciado no seu próprio espaço de origem.

Nessa construção da autonomia sexual, a sexualidade genital tem um papel bastante importante, por isso também há um maior grau de dificuldades, posto que há as tensões internas na constituição de uma esfera privada das relações de amizades. Notei entre as moças das comunidades rurais vivendo na sede, portanto, maior receio quanto ao ficar grávida, e, por outro lado, o sentimento de “culpa” quando se iniciam sexualmente e não sentem segurança de virem a casar-se ou ter um compromisso de namoro com o rapaz. Há um descompasso entre a informação adquirida acerca dos usos de métodos anticoncepcionais e a incorporação destes na vida sexual dos jovens enquanto prática rotineira. No mesmo sentido, tal descompasso se dá com os rapazes, somado ainda ao fato de que o machismo ou a idéia de que o homem, o rapaz, estará “imune” às ameaças desta ordem, no caso das doenças sexualmente transmissíveis. Concomitantemente, o rapaz “virgem” sofre o incômodo das pressões por parte de outros jovens mais velhos (ou que já se iniciaram na vida sexual), para se iniciarem sexualmente.

Sendo assim, quando se iniciam sexualmente vê-se que a identidade masculina fica muito mais fortalecida, sendo, portanto, mais um “rito de passagem”, pois quando se deixa de ser virgem comprova-se para si a

sua virilidade, confirmação privada e que, em muitos casos, deve se tornar pública frente aos pares. A ansiedade para a comprovação da virilidade do rapaz leva-os, em alguns casos, a assumirem posturas difamatórias ou vantajosas sobre seu desempenho na conquista de alguma moça. Ou seja, os rapazes ao tecerem fofocas inibidoras contra as moças visam a corresponder aos estereótipos associados à masculinidade. Associados a isso entram também os descuidos e riscos com o corpo, o seu próprio e o da moça, quando desconsideram a prevenção de doenças e da gravidez indesejada. Nessa mesma lógica, agindo assim também estão correspondendo aos padrões de comportamento masculino correspondente às gerações de seus pais e avós. A virilidade se comprova também através do exemplo do filho gerado.

Nas sedes, alguns jovens esperam um tempo maior para darem início à relação sexual e preferem outros contatos corporais e carícias íntimas que se realizam em encontros menos intensos e sem compromisso de parceiros fixos. Os jovens que estão na sede, portanto, aderem mais ao “ficar” até se resolverem por uma relação mais estável. Mas a ansiedade do rapaz para ter a experiência genital exerce maior pressão na relação com a moça. Na maior parte dos jovens com os quais conversei percebi que as moças querem demorar mais para terem relações sexuais, ao contrário do rapaz. Elas querem ter segurança, enquanto que os rapazes, na maior parte das vezes, apenas querem ter a comprovação de sua potência viril. Mas tanto para as moças quanto para os rapazes a influência dos (as) amigos (as) do mesmo sexo são importantes para a entrada na iniciação sexual. Nas sedes nota-se maior investimento na realização do prazer e da diversão; bem como, a esta recorrem os jovens das comunidades rurais para se divertirem.

Não obstante, o contexto mundial de preocupações acerca da epidemia da contaminação HIV/AIDS traduz-se em atenções, cada vez maiores, com a iniciação sexual e a sexualidade e, neste sentido, tais preocupações fazem parte dos temas centrais da Secretaria de Saúde e da escola de Rosário das Almas, como questão social, mais do que moral e

política. No entanto, não se pode pensar apenas como uma problemática da saúde pública e que, portanto, deverá ser vista apenas sob o ângulo das orientações preventivas de base fisiológica, se não se articular a cultura e identidade com corpo e saúde. Sobretudo, quando nesta articulação há questões que dizem de um contexto de precariedade e vulnerabilidade material e emocional, de relações assimétricas de gênero, como no caso de Rosário das Almas.

Isto posto, penso que este município rural ou “rurbano” traduz-se na representação de um universo rural que se complexifica cada vez mais, sobretudo, porque diz das transformações que a família rural está vivendo, implicando em reposições e deposições de práticas no universo das relações familiares e da interação conjugal, derivados de outros fenômenos sociais que apontam para um maior controle da natalidade, mudanças nas esferas do trabalho, as dificuldades de se viver da agricultura impulsionando homens e mulheres e jovens a outras estratégias de trabalho. Porém, competem para tais sedimentações dessas transformações entraves sociais que correspondem ao convívio de tipos de representações distintas acerca do casamento, do tipo de organização familiar que se pretende reproduzir. Neste sentido e na medida em que os jovens estão tendo outras opções, começa também a se instaurar a diversificação das condutas sexuais.

Em suma, entre os jovens de origem rural, há o predomínio da antecipação à vida adulta, principalmente entre aqueles que desistem do projeto da conclusão ou do prolongamento da escolarização. De outro lado, porém, estão os jovens que intensificam e diversificam seus trânsitos de vida, seja entre as sedes locais e as comunidades rurais e também outros centros urbanos, em combinação com as experiências de estudo e trabalho. Estes jovens estão prolongando o tempo para a entrada na conjugalidade, assumindo outras responsabilidades e/ou irresponsabilidades em combinação com práticas de vida de maior direito à diversão, lazer e prazer. Neste sentido, o ser jovem em Rosário das Almas não está associado à categoria de idade, mas à responsabilidade assumida através da maternidade e/ou conjugalidade para as moças e da combinação da paternidade, trabalho e casamento para os rapazes. Todavia, há

aspectos sutis que apontam para outras transformações na ordem das relações homem/mulher, rapazes e moças, através da individualização destes sujeitos e conseqüente autonomização da sexualidade, despregando-se da procriação enquanto uma “obrigação” social. Mas isto está, também, ancorado a fatores que dizem respeito ao nível de escolarização, emprego e maior mobilidade social.

Para finalizar, se as experiências da sexualidade dos jovens, em trânsito entre campos e cidades, está suscitando transformações nas famílias rurais, estas estão ocorrendo, paulatinamente e de modo sutil no âmbito das relações entre pais e filhos de Rosário das Almas. Donde se pode extrair a síntese de que está havendo maior tolerância por parte dos pais e adultos diante da reivindicação, às vezes silenciosa, de maior liberdade e oportunidades de diversão, lazer e prazer. Portanto, numa lógica invertida, na comparação entre os jovens rurais e os jovens urbanos, os jovens rurais de Rosário estão construindo ou reivindicando a condição de “ser jovem” tal como os jovens que vivem nos centros urbanos do país. Talvez seja o caso de dizer que eles estão descobrindo que podem ser jovens, distendendo o tempo da entrada na vida adulta; ampliando sua visão de mundo, principalmente, quando avançam nos estudos, os jovens vão expressando novos modos de viver e romper com o cerco de poucas oportunidades que o município lhes impõe. Porém, é a partir das situações estudadas que se vê surgir diferentes grupos de jovens e, neste caso, esta pesquisa demonstrou que, tal como se observa nos centros urbanos, o rural é, nos dias atuais, uma realidade social constituída também da diversidade juvenil.

ABSTRACT: This study was done with younglins of rural background who live in a county at the Vale do Jequitinhonha – MG, BRAZIL. The main social subject’s ages range from fourteen to nineteen years old and their life’s experiences were made among the rural and the urban contexts. Others younglins of higher ages were also studied and interviewed. The reports, made by younglins and adults, on their experiences with sexuality, the reproductive health and the questions related to the prevention of sexually transmitted diseases are all values of the subjects researched, upon which the coletive and gerational

values are contrasted with the individual values, and the subsequent reframing of the rural families’ structures.

KEYWORDS: experiences; representation; younglins of rural; sexuality; family; Vale do Jequitinhonha - M.G.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, R. [et al.] *Juventude e Agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Unesco, 1998.
- ALMEIDA, A.M. de, “Sociedade patriarcal rural, feminismo e educação no século XIX” in SANTOS, R.; CARVALHO, L.F. de; SILVA, C.T. da, (orgs.) *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus, 1998, pp.21-34.
- ALMEIDA, M. W. B. de. “Redescobrimo a família rural”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Número 1. Vol. 1, junho de 1986, pp.66-83.
- ALVIM, R., FERREIRA JR., E., QUEIROZ, T. (orgs.) *(Re)construções da juventude: cultura e representações*. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2004.
- ARILHA, M. “Homens: entre ‘zoeira’ e a ‘responsabilidade’”. ARILHA, M., RIDENTI, S., MEDRADO, B. (orgs.) *Homens e Masculinidades: outras palavras*. Eccos Editora 34, pp.51-77.
- ARILHA, M. e GALAZANS, G. “Sexualidade na Adolescência: o que há de Novo?”. *Jovens Acontecendo na Trilba das Políticas Públicas*. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento – Unesco – Brasília: CNPD, Vol. II,1998.
- BARROS, M. L. de, *Autoridade & Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BENJAMIN, W. “Experiência e Pobreza” e “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Coleção Obras Escolhidas; v.1).

- BÉRARD, M. “Ruraux: des jeunes comme les autres, dans un milieu spécifique”. *Pour n° 109 – Monde rural: le retour des jeunes. novembre-décembre*, 1986, pp.42-45.
- BERQUÓ, E. “Quando, Como e Com Quem Se Casam Os Jovens Brasileiros”. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Vol. 1. CNPD – Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. Brasília, maio de 1998, pp. 93-107.
- BISON, W. P. *A Volta por Cima: Mulheres migrantes entre o Vale do Jequitinhonha e São Paulo*. FFLCH / USP. Dissertação de Mestrado. São Paulo, agosto, 1995.
- BOFF, A. de M. “O afeto na voz e no corpo”. LEAL, O. F. (org.) *Corpo e Significado (Ensaio de Antropologia Social)*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, pp. 229-259.
- BOURDIEU, P. *a Dominação Masculina*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2002.
- BOZON, M. *Sociologia da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CALAZANS, G. “Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão”. ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. (orgs.) *Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; São Paulo: Instituto Cidadania, 2005.
- CAMARANO, A.A. “Fecundidade e Anticoncepção da População Jovem”. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*, Brasília: CNPD – Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, Volume 1, maio de 1998, pp.109-133.
- CARNEIRO, M.J. “O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais”. DA SILVA, F.C.T., SANTOS, R., COSTA, L.F.de C. *Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

- CERTEAU, M. de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CORRÊA, M. “Repensando a Família Patriarcal Brasileira”. ARANTES, A. A. [et al.] *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 3a ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994, pp. 15-42.
- COSTA, R. G. “Paternidade: ideais e possibilidades”. *XXIV Encontro Anual da ANPOCS – GT 05: Família e Sociedade*. (mimeo).
- DUBET, F. *Sociologia da Experiência*. Instituto Piaget. Lisboa, 1994.
- DURHAM, E. R. “Família e Reprodução Humana”. *Perspectivas Antropológicas Da Mulher 3*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983, pp. 13-44.
- ELIAS, N. e SCOTSON, J. L. “Introdução: Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders”. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- EPSTEIN, A. L. “Gossip, Norms, and Social Network”. *Scenes from African Urban Life: Collected Copperbelt Papers*. Edinburgh University Press, 1992.
- FABRE, D. “Ser jovem na aldeia”. *História dos Jovens (vol.2)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp.49-81.
- FERREIRA, V. S. “Atitudes dos jovens portugueses perante o corpo”. PAIS, J. M. e CABRAL, M. V. (Coords.) *Condutas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes Perante o Corpo (Resultados de Um Inquérito aos Jovens Portugueses em 2000)*. Secretaria de Estado da Juventude e Desportos. Instituto Português da Juventude (IPJ). Oeiras, Portugal: Celta Editora, 2003, pp. 265-366.
- FLANDRIN, J-L. *O Sexo e o Ocidente: Evolução das atitudes e dos comportamentos*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1981.
- FLITNER, A. “Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude”. BRITTO, S. de (org.) *Sociologia da Juventude I (da*

- Europa de Marx à América Latina de hoje*). Rio de Janeiro: Zahar Editores, s/d., pp. 37-67.
- FONSECA, C. “Ser Mulher, Mãe e Pobre”. DEL PRIORE, M. (org.); BASSANEZI, C. (Coord. de textos) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 510-553.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GALIZONI, F. M. *A Terra Construída: família, trabalho, ambiente e migrações no Alto Jequitinhonha, Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia Social. F.F.L.C.H./USP, 2000.
- GARCIA JR., A. R. *Terra de Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, A. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GODOI, E.P. de, “O sistema do lugar: história, território e memória no sertão”. NIEMEYER, A.M. de, GODOI, E. P.de, (orgs.) *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, pp. 97-131.
- GOFFMAN, E. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Lisboa, Editora Nova Guanabara, 1988.
- GOLDANI, A. M. “As Famílias no Brasil Contemporâneo e o Mito da Desestruturação”. *Cadernos Pagu (1) de Trajetórias e Sentimentos*. Núcleo de Estudos de Gênero/ Unicamp, Campinas, SP, 1993, pp. 67-110.
- GRIMBERG, M. “Iniciación sexual, prácticas sexuales y prevención al VIH/SIDA em jóvenes de sectores populares: um análisis antropológico de gênero”. *Horizontes Antropológicos “Sexualidade e AIDS”*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, pp. 47-75, junho de 2002.

- HEILBORN, M. L. (org.) *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. (et al.) “Aproximações Socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência”. *Horizontes Antropológicos “Sexualidade e AIDS”*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, pp. 13-45, junho de 2002
- HÉRITIER, F. *Masculino/ Feminino: o Pensamento da diferença*. Instituto Piaget. Lisboa, s/d.
- IBGE, *Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA) - CENSO DEMOGRÁFICO*, 2000.
- _____. *Cidades @*, CENSO DEMOGRÁFICO, 2000.
- JARDIM, D. F. “Performances, reprodução e produção dos corpos masculinos”. LEAL, O. F. *Copo e Significado (Ensaio de Antropologia Social)*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, pp. 189-201.
- LEAL, O. F. e FACHEL, J.M.G. “Jovens, sexualidade e estratégias matrimoniais”. HEILBORN, M. L. (org.) *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1999, pp. 96-116.
- LEVI, G. e SCHMITT, J.-C. *História dos Jovens (2) – A Época Contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MANNHEIM, K. “O problema da juventude na sociedade moderna”. BRITTO, S. da. (org.) *Sociologia da Juventude, I (da Europa de Marx à América Latina de hoje)*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, s/d., pp. 69-94.
- MOURA, M. M. *Camponeses*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- MOTTA, F. de M. *Gênero e Reciprocidade: Uma Ilha no Sul do Brasil*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Departamento de Antropologia do I.F.C.H., da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 2002.
- NAIRN, K. [et al.] “Desestabilizing Dualisms: Young people’s experiences of rural and urban environments”. *Childhood: A Global Journal of Child Reserch*. Vol. 10 – 2003 – Sage Publication (February 2003).
- OLIVEIRA, P. de S. *Vidas Compartilhadas: Cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Editora Hucitec, FAPESP, 1999.

- PAIS, J. M. (org.) *Gerações e Valores Na Sociedade Portuguesa Contemporânea*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, novembro/1998, pp. 20-53.
- _____. “Nas Rotas do Quotidiano”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 37, junho, 1993, pp. 105 – 115.
- _____. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.
- PARKER, Richard G. *Corpos, Prazeres e Paixões: A Cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.
- PINA CABRAL, J. de. *Filhos de Adão, Filhas de Eva: a visão do mundo camponesa no Alto Minho*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989.
- PEREIRA, J. “Gênero e sua Relação com a representação de campo e cidade no imaginário de jovens rurais”. GT 2: Gênero e Desenvolvimento Rural. *VI Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural* (ALASRU). Porto Alegre, de 25 a 29 de novembro, 2002. (mimeo).
- PORTO, L. de M. *A Reapropriação da Tradição a partir do presente: um estudo sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Chapada do Norte (MG)*. Dissertação de Mestrado. UnB, Departamento de Antropologia, 1997.
- RIBEIRO, R. “O amaziamento e outros aspectos da família no Recife”. *Antropologia da religião e outros estudos*. Recife: Editora Massangana – Fundação Joaquim Nabuco, 1982, pp. 59-70.
- SANTOS, M. “O Lugar e o Cotidiano”. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2002, pp. 313-330.
- SARTI, C. A. “A família como ordem moral”. *Cadernos de Pesquisa. Revista de Estudos e Pesquisa em Educação*. Fundação Carlos Chagas, n.91, nov. 1994, pp. 46-53.
- SARTI, C. A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

- SCOTT, J. W. “Experiência”. DA SILVA, A.L., LAGO, M. C. de S. e RAMOS, T. R. O. (orgs.) *Falas de Gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Editoras Mulheres, 1999, pp. 21-55.
- SILVA, M. A. M. Como “expulsar o camponês” do proletário. *Travessia – Revista do Migrante*. Publicação do C.E.M. – Ano III, nº 08, setembro-dezembro/1990.
- _____. Em busca de um tempo e de um lugar perdido. *De Fato – Revista Trimestral da Central Única dos Trabalhadores*. Brasil, Ano 2, nº 03 – São Paulo, março-maio, 1994.
- _____. “A migração de mulheres do Vale do Jequitinhonha para São Paulo: de camponesas à proletárias”. *Travessia – Revista do Migrante*. Publicação do CEM – Ano I – nº 01, Maio/Agosto/1988.
- _____. “Quando as andorinhas são forçadas a voar”. *XIII Encontro Anual da ANPOCS*, de 23 a 27 de outubro de 1989, Caxambu (MG).
- SILVA, S. P. da, “Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes”. *Caderno Cedes 57 – Educação, Adolescências e Culturas Juvenis*. 1ª ed., agosto/ 2002, pp. 23-43.
- SILVA, V. A. da, “*Eles não têm nada na cabeça...*”: jovens do sertão mineiro entre a tradição e a mudança. Faculdade de Educação. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- _____. *Sertão de Jovens: Antropologia e Educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2004. – (Coleção questões da nossa época).
- STRATHERN, M. “Necessidade de Pais, Necessidade de Mães”. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, 3, 2: 303-329.
- THOMPSON, E.P. “O Termo Ausente: Experiência”. *A Miséria da Teoria* (1978).
- TRIGO, M. H. B. “Amor e Casamento no Século XX”. D’INCAO, M.A. (org.) *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989, pp. 88-94.
- VALDÉS, X. “Masculinidad en el mundo rural: realidades que cambian, símbolos que permanecen”. OLVARRÍA, J.; PRRINI, R. (eds)

- Masculinidad/es. Identidad, sexualidad y familia*. Primer Encuentro de Estudios de Masculinidad. Santiago, Chile: FLACSO – Chile/Universidad Academia de Humanismo Cristiano/Red de Masculinidad, 2000, pp. 29- 46.
- VARAGNAC, A. “As categorias de idade numa sociedade tradicional”. BRITTO, S. de. (org.) *Sociologia da Juventude, III (a vida coletiva juvenil)*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, s/d. pp. 15-29.
- VEIGA, J. E. da. *Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. 2.ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- WANDERLEY, M. de N. B. “A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o ‘rural’ como espaço singular e ator coletivo”. *Estudos Sociedade e Agricultura*. Revista Semestral, Curso de Pós-graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (UFRRJ), Outubro de 2000, número 15, pp.87-145.
- WOORTMANN, E. F. e WOORTMANN, K. *Amor e Celibato no Universo Camponês*. Campinas: NEPO: Unicamp, 1990.
- _____. “Fuga a Três Vozes”. *Anuário Antropológico/91*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993, pp. 89-137.
- WOORTMANN, K. “‘Com Parente Não se Neguecia’, o campesinato como ordem moral”. *Anuário Antropológico/87*. Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990, pp.11-73.